REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

N.º 10.

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, TRAVESSA DA VICTORIA N.º 29, ESQUINA DA RUA DOS DOURADORES POR 12 NUMEROS 480, POR 24..... 960, POR 52..... 1920 REIS.

QUINTA FEIRA 17 DE MARÇO DE 1842.

A redacção da Revista Universal acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento, para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores Assignantes de Lisboa que não entreguem quantia alguma aos distribuidores, senão contra o competente recibo.

DIARIO METEOROLOGICO DESDE 8 ATÉ 15 DE MARÇO DE 1842.

Dias do mez.	Termom.º Exterior.		Barometro.		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	ESTADO DA ATMOSPHERA.
	Min.º	Max.º	9 h. m.	3 h. t.			
8	54	61	757,3	757,0	2	2S. SO.	Cob.º, denso nevoeiro, e chuvisco; tepido e muito humido.
9	53	67	63,0	63,2		B. SO.	Claro e nuvens: horisonte fusco, sol quente, e ar secco de tarde.
10	50	67	68,0	66,5		SO. NO.	Id. Id.—
11	50	67	67,0	65,0		B. NO.	Nevoeiro denso até ás 8, e depois claro puro: ar secco e sol quente.
12	47	66	65,4	64,8		NE. N.	Claro puro; dia ameno; orvalho nocturno; Id.
13	48	66	66,2	65,0		NE. N.	Id. Id. Id. Id.
14	47	72	65.0	63,5		NE. B.	Nevoeiro denso até ás 8 h., e depois claro puro: Id. Id.
15	50	75	61,0	59,8		B. N.	Claro, sol ardente, e muito calor.

Terminou a influencia da 1.ª quadra a 7, dando logar á 2.ª que durou sómente no dia seguinte com a mesma temperatura branda da antecedecte; porém com a atmosfera coberta, denso nevoeiro e perenne chuvisco, ar muito humido e vento rijo do sul. Logo no dia immediato começou a influencia da 3.ª com a mesma temperatura, céo ora claro ora nu-

blado, horisonte fusco, e o ar muito humido, em cujo estado permaneceu a 9 e 10, seguindo-se nos dias immediatos alguns nevoeiros densos, que se dissipavam pelas 8 horas da manhã, deixando o céo muito claro, ar secco, e os dias amenos; apparecêram abundantes orvalhos nocturnos nos ultimos tres dias; e assim permanece com o barometro bastante elevado. Foram assaz notaveis os dois ultimos dias desta quadra pelo repentino calor que appareceo nas horas meridianas, variando a temperatura em um mesmo dia 25. F. (11° R). Desde os principios do mez que a maior parte das arvores silvestres e de fructa, vão desenvolvendo a mais bella e viçosa vegetação. *M. M. F.*

AOS NOSSOS LEITORES.

129 Em consequencia das numerosas modificações, que se vão realisar no plano d'este Jornal, e se acham indicadas no programma do numero precedente, algumas observações temos que addicionar summariamente.

A *Revista Universal Lisbonense* continua a sahir ás quintas feiras.

O seu Escriptorio é na Rua da Horta Secca n.° 20, e toda a correspondencia para ali deve ser dirigida — *Ao Redactor da Revista Universal Lisbonense.*

As assignaturas só se fasem no Escriptorio, e na loja da viuva de João Henriques. rua Augusta n.° 1.

Preço para os assignantes fundadores: 12 numeros 480 rs. — 24, 960 — 48, 1920. Para os novos: 12 numeros 600 rs. — 24, 1200 — 48, 2400 — avulso 80.

O pagamento deve ser feito com a assignatura, nos logares supramencionados, e por caso nenhum aos distribuidores.

Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias.

Aos assignantes, cujas subscripções findão com este numero, só será remettido o seguinte, caso não façam renovar as suas assignaturas.

Todos os assignantes (e só elles) têem entrada franca n'um gabinete de leitura do estabelecimento (segundo o respectivo regulamento); ahi se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios ou scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão.

Os subscriptores das provincias devem remetter as suas assignaturas pelo Seguro ou como lhes convier.

Roga-se aos leitores das provincias communiquem os acontecimentos dignos de publicidade.

Qualquer artigo interessante será acolhido com gratidão e publicado.

A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remetter um exemplar.

Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra, machinas, plantas, livros etc. por conta de quem o desejar.

Tambem no seu escriptorio se patentearão ao publico identicos objectos que para ali sejão mandados, os quaes serão descriptos no jornal.

A disposição typographica da Revista Universal será, como ja se disse, diversa. A materia será mais de dobrada da que até hoje continha.

Tambem alteramos a numeração da folha, por assim convir á boa ordem.

Chamamos *serie* a uma collecção de 12 numeros. A 1.ª serie entender-se-ha ter começado a 1 de Outubro, a 2.ª a 23 de Dezembro de 1841, a 3.ª a 25 de Março de 1842, e assim progressivamente, de 12 em 12 numeros.

Portanto no alto do jornal poremos no meio a numeração geral, isto é, o seguinte será numero 25. Ao lado esquerdo marcar-se-ha o numero ordinal da respectiva serie; ao direito a data da publicação.

Por ultimo, recordando que só haviamos promettido franquear o gabinete de leitura aos subscriptores de 2 assignaturas annuaes, hoje estendemos esta offerta a todos os assignantes. Aos não assignantes será inteiramente vedado o gabinete de leitura.

Este gabinete já se acha aberto. Abaixo notamos os jornaes que desde já alli se acham; além d'elles alli se encontra grande numero das publicações modernas.

CATALOGO

Dos Jornaes politicos, scientificos, litterarios, e commerciaes, que actualmente se acham no gabinete de leitura da Redacção da Revista Universal Lisbonense.

PORTUGUEZES.

Lisboa.
- Diario do Governo.
- Constitucional.
- Correio Portuguez.
- Jornal de Utilidade Publica (Dez réis).
- Periodico dos Pobres.

LISBOA.
- Portugal Velho.
- Revolução de Setembro.
- Abeille (francez).
- Annaes de Marinha.
- Annaes da Sociedade Promotora da Industria Nacional.
- Archivo Popular.
- Bibliotheca Familiar e Recreativa.
- Catholico.
- Correio das Damas.
- Folha do Commercio.
- Gazeta dos Tribunaes.
- Gratis.
- Jornal Militar.
- Jornal das Sciencias Medicas.
- Jornal da Sociedade Pharmaceutica.
- Museo.
- Panorama.
- Ramalhete.
- Recreio.
- Revista Universal Lisbonense.
- Semanario Harmonico.
- Universo Pittoresco.

PORTO.
- Athleta.
- Commercio.
- Noticiador.
- Periodico dos Pobres.
- Revista Litteraria.

Coimbra. — Antiquario.

Madeira. — Defensor.

Terceira. — Angrense.

S. Miguel.
- Açoriano.
- Monitor.

ESTRANGEIROS.

HESPANHOES.

MADRID.
- Boletim de las Leyes.
- Boletim de Medecina.
- Castellano.
- Conservador.
- Fr. Gerundio.
- Grito del Ejercito.
- Periodico sem titulo (continuação do Furacão.
- Revista de Madrid.
- Revista de Theatros.
- Semanario de Medecina.

Cadiz. — Globo.

Sevilha. — Diario de Litteratura, Artes, y Commercio.

Barcelona. — La Ley.

Santiago. — Revista de Galicia.

Granada. — Alhambra.

FRANCEZES.

PARIZ.
- Annales d'agriculture française.
- Buletin d'histoire naturelle de France.
- Buletin de la Société de Géographie.
- Cultivateur, Journal des progrès agricoles.
- L'Investigateur, Journal de l'Institut Historique.
- Journal des Beaux Arts et de la Litterature.
- Journal des connaissances nécessaires et indispensables aux industriels.
- Journal des sciences militaires.
- Journal de la Société des sciences physiques, chymiques, et arts agricoles, et industriels de France.
- Outremer, Journal de la Navigation et des Colonies.
- Revue encyclopédique des connaissances humaines.
- Revue des sciences physiques et naturelles.
- Revue scientifique et industrielle.

INGLEZES.

LONDRES.
- The Child's Bethel Flag.
- The Foreign Quarterly Review.
- The Morning Chronicle.
- The Penny Magazine.
- The Times.
- The Veterinarian.
- The Youths' Magazine.
- Sailors' Magazine.

ALLEMÃO.

Hamburgo. — Nachrichten.

MATERIA MEDICA BRAZILEIRA.

130 D'entre os naturalistas que namorados da original formosura, e incomprehensiveis riquezas das terras americanas, se derão a estudar-lhes, e descrever-lhes as producções, muito vantajosamente se extremão Bernardino Antonio Gomes (pai), Fr. José da Conceição Velloso, Fr. Leandro do Sacramento, Marcgrave, Pison, Saint Hilaire, e outros muitos que por brevidade omittimos.

Apezar porém de tantos desvelos e fadigas, que aliás mui proveitosos hão sido á sciencia, se bastante se tem descoberto e achado,

mais é talvez o que ainda resta para achar e descobrir; bastando para comprovar o nosso dito apenas uma pequena parte do que a tal respeito se poderia dizer.

No Brazil (pois é d'este paiz que fallamos), só de plantas medicinaes é immensa a quantidade de que ha noticia; e posto que, no numero summamente prodigioso de taes plantas algum abatimento se deve fazer, em consequencia de que muitas vezes o mesmo vegetal leva differentes nomes conforme as provincias em que se cria, não obstante isso, grande copia d'ellas fica ainda subsistindo; parte d'essas são usadas na medicina caseira; por falta de dados sufficientes, não tem sido possivel por ora aventurar uma opinião segura em tão importante assumpto; a outra parte, experimentada já por praticos illustres, acha-se presentemente incluida na lista, por ventura demasiado longa, dos agentes therapeuticos, que a Materia Medica recommenda, ou simplesmente indica.

Graças ao zelo da sciencia, e ao patriotismo do Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, e outros, nestes ultimos annos a Materia Medica Brazileira tem-se enriquecido consideravelmente; a collecção de drogas medicinaes do Brazil, que a Academia Imperial do Rio de Janeiro incumbiu áquelle medico de fazer, vai em augmento, e os interessantes artigos que sobre tal assumpto o Snr. Maia tem publicado, e continua a publicar na *Revista Medica Fluminense*, cujo é redactor, são, em nosso entender, dos mais interessantes que nesse jornal tem apparecido.

Tres plantas avultão pela sua incontestavel utilidade no já crescido numero das que vão sendo usadas pelos facultativos d'aquelle Imperio: 1.ª *o páo pereira*, que, pela sua virtude anti-febril, em nada cede á quina, havendo-se já chegado a extrahir da casca d'esta arvore um alcali a que se deu o nome de *pereirina*, e que muito bem, senão melhor, faz as vezes do sulfato de quinina, pois que tem acontecido já que febres intermittentes que se mostraram rebeldes a este ultimo medicamento, cederam ao uso d'aquelle outro; 2.ª a casca do *gorunhem*, que actualmente é havida no Brazil por um dos mais energicos adstringentes; 3.ª a casca de *páo terra*, que é particular assumpto d'este artigo.

O páo terra (qualea cerulea de Riedel) é uma arvore da familia das guttiferas, que existe com abundancia em *Matto Grosso*, e não sabemos se em alguma outra provincia do Imperio do Brazil; o Dr. Maia, e varios outros facultativos brazileiros, já ha muito havião empregado a casca desta preciosa arvore, contra as feridas cancerosas, fungosas, e em geral contra todas as feridas de máo caracter, (palavras delle), e os mais felizes resultados haviam coroado as suas tentativas; hoje alguns praticos estrangeiros vem confirmar tão satisfactorias noticias: ouçamos pois as suas proprias expressões.

Diz o Dr. *Cohen*, de Baltimore, em resposta a José Silvestre Rebello, que lhe enviou uma pouca de casca de *páo terra*, para com ella fazer algumas experiencias. « Recebi a casca de páo terra; empreguei-a em « dois doentes affectados de feridas cancerosas, e em 15 dias d'applicação d'aquelle remedio, estas apresentão já melhor aspecto, « achando-se os enfermos quasi sem dores; « como está a acabar a pequena porção que « recebi, espero que me mande quanto antes « maior quantidade, para poder então melhor estudar e analysar esta casca, que julgo ser bom medicamento. »

Idem o Dr. *C. Astone Key*, de Londres. « Estou summamente satisfeito com os resultados das experiencias que fiz com a casca, « que teve a bondade d'enviar-me; a pequena quantidade recebida não me habilita para experimentar os seus effeitos em muitas « feridas cancerosas; porém o resultado, que « tirei d'essas poucas experiencias que pude « fazer n'esta classe de feridas, foi pôr em « mais saudavel condição a superficie das « mesmas feridas, e produzir a sua applicação agradaveis sensações nos pacientes. Os « beneficos effeitos da mesma casca foram « mais evidentes em feridas de diversa natureza, que tinhão resistido a differentes methodos de tratamento; em ulceras não cancerosas, o effeito della, em pouco tempo « diminuio a sensibilidade, e tomou a superficie um aspecto salutar. Por ora não me « acho habilitado para decidir-me com precisão sobre o poder curativo da mesma casca contra as ulceras verdadeiramente cancerosas, e a este respeito estou á espera de « mais tempo, e de mais factos. Desejo que « me mande mais alguma porção d'este remedio, para poder continuar com as minhas « experiencias. »

Em presença pois de tantos factos, cuja authenticidade se não póde facilmente contradictar, poderemos ter a grata esperança de haver-se achado remedio para uma enfermidade, que as mais das vezes zomba dos esforços da arte, e contra a qual numerosas substancias têem sido experimentadas, e quasi sempre com máo resultado? aguardamos ulteriores noticias sobre esta importante ma-

teria, podendo desde já os facultativos portuguezes mandar vir do Brasil uma porção da dita casca, para por seus proprios olhos reconhecer se será ou não exacto o que se nos conta da propriedade anti-cancerosa do *páo terra*.

A. I. de S.

PRAÇAS PUBLICAS.

LISBOA.

131 De grandes melhoramentos precisam todas as nossas praças publicas. Parece-nos que tem sido erro grave calcar algumas, como o *Pelourinho*, e *Terreiro do Paço*: estas praças, e todas as de Lisboa, tem escoantes faceis para as aguas, não só pela visinhança do mar, e pelos declivios naturaes, mas tambem pelos grandes canos que por debaixo lh'as recebem. Se o *Caes do Sodré* se conserva excellentemente sem calçada, porque não aconteceria o mesmo ás outras praças? dir-se-ha talvez que ha ali menos transito de carros e seges; responderemos que em terrenos tão escuados como são as nossas praças, não se demora a agua, e por isso nenhum estrago lhes podem fazer seges e carros; e senão haja vista á *praça da Alegria*, *largo do Passeio*, e outros que ha na cidade, que se conservão perfeitamente sem se lhes vêr uma só pedra.

As praças, e largos da capital, podem conservar-se optimamente dando-lhes alguma elevação no meio, e lançando-lhas por igual em toda a parte camadas pequenas de pedra calcarea, como a que tem o *Caes do Sodré*, ou d'essa pedrita miuda que em abundancia se encontra nas margens do Tejo. Depois de espalhada com igualdade, deve ser batida com maços de ferro, ou páo, a fim de adherir: uma duzia de carretas, e duas duzias de prezos pódem dentro de um mez alizar, aplanar, e macadamisar, as principaes praças de Lisboa, em muitas das quaes se achão pedras mais altas umas do que outras, as quaes devem ser batidas a maço, a fim de que fiquem as praças bem planas; no *Caes do Sodré*, *Rocio*, *Largo de S. Paulo*, e do *Passeio*, encontram-se tantas pedras resahidas que incommodão; e é para desejar que a Camara Municipal remova similhante obstaculo, o que é de insignificante despeza.

Tambem convirta muito varrer e limpar as praças de oito em oito dias pelo menos, para que não sejão intransitaveis em certas occasiões, como frequentemente acontece, sobretudo no inverno. Se a Camara difficilmente encontrar quem fiscalize estes trabalhos, esteja certa que achará muitos cidadãos, nas visinhanças das praças, que os dirijão e fiscalizem.

C. X. P. B.

ESCOLA PUBLICA DE CEGOS.

MADRID.

132 Lembrados serão nossos leitores do que no artigo 133 do 1.° tomo d'este jornal escrevemos, por occasião de darmos conta da actividade, com que o governo hespanhol curava do estabelecimento de uma casa de educação para cegos, e de como para este fim havia encarregado D. Juan Manoel Ballesteros de visitar pela França e Belgica os estabelecimentos d'este genero; e de se prover dos meios necessarios para pôr por obra este caridoso plano. Hoje damos a boa nova de ser já estabelecida a escola publica de cegos na capital do reino visinho. Foi a inauguração celebrada e festejada (como era razão) em um domingo: nem com acto de mais religião e piedade podia tal dia ser sanctificado. O mesmo D. Juan Ballesteros fez um discurso, que devia de ser analogo á festividade, e nelle dava os parabens á sua patria, e aos seus trabalhos, por haverem vencido todos os revezes, e contras, que por quasi seis annos empeceram a execução desta obra. Terão por tanto os cegos daquelle paiz d'aqui a poucos annos mais luz, e melhor instrucção, que muitos a quem a natureza debalde concedeu grande perfeição de sentidos corporaes. Eis aqui um exemplo, que muito desejamos vêr imitado em o nosso paiz; nem cançaremos de manifestar taes dezejos, e de aconselhar a imitação, todas as vezes que publicarmos tão dignos exemplos.

F. M. P. S. N.

MELOPHONO.

PARIS. LISBOA.

133. Por duas veses temos fallado d'este melodioso instrumento. A primeira; quando d'elle demos noticia o anno passado, em o artigo 83 do primeiro tomo d'este jornal, pouco depois da sua invenção, e apparecimento em Pariz. A segunda, quando, sendo já chegado a Lisboa um d'estes ingenhosos instrumentos, e depois de o havermos visto, e examinado, fisemos a sua descripção em o artigo 204 do mesmo tomo. Agora em tão pe-

queno discurso de tempo já annunciamos um professor d'este instrumento; é o Snr. Cossoul, que na sua escola de musica na rua da Atalaia n.º 176, e nas casas onde o requerem, dá lições de melophono. O mais que podéramos dizer ácerca d'este instrumento, e o que por ventura importa saber aos curiosos, o podem ler em o artigo 204 já citado.

F. M. P. S. N.

INDUSTRIA E INSTRUCÇÃO PUBLICA.

RUSSIA.

134 É hoje a Russia um dos paizes mais civilisados. Se no principio do seculo passado se não viam senão terras aridas, incultas, e desertas, nas cercanias do Neva, deve-se ao genio de Pedro 1.º, a transformação da humilde capital da Russia em soberba e populosa cidade; n'ella tem, passo a passo, ido penetrando todos os melhoramentos materiaes e intellectuaes. A par dos monumentos collossaes que alli vos revelão a riqueza e industria russia, encontrareis todas as fontes de instrucção publica; e depois de haverdes admirado entre infinitos outros, o palacio de Arnitschkou, o palacio de Taurida, o palacio de marmore, o palacio do Grão-Duque Miguel, as igrejas de Santo Alexandre Newski, de Nossa Senhora de Kasan, de São Pedro e São Paulo, a Casa do Commercio, o Almirantado, a Fortaleza, a Administração Geral; depois de haverdes saciado a vista nas formosas praças do Theatro, do Senado, e do Almirantado; depois de haverdes calculado com assombro as enormes quantias despendidas em seus caes de granito, e de haverdes visto a orgulhosa capital estreitamente cingida pelos diversos braços do Neva e do Newka, cortada, por innumeraveis canaes, em ilhas amenas, que entre si communicão por meio de barcas e pontes movediças; procurai pelos estebelecimentos de publica instrucção, e lá vos dirão que o Governo, apesar de severo, e severissimo, em sua politica, é todavia sollicito pela prosperidade da Russia; a fim de confirmal'o, e para que em vosso espirito não fique a mais pequena duvida de que não é na ignorancia do povo que procura basear o seu poder e authoridade, tanto vos mostrarão que ficareis convencido das absurdas accusações de homens parciaes, que nada reconhecem de bom nos que não professão o mesmo systema de politica, e só querem que em suas phalanges se encontre quem saiba dirigir, promover, e animar toda a qualidade de progresso. Nessa capital em que suppunheis talvez enconirar com todos os vestigios da barbaridade, e não achar um só instituto destinado a instruir e civilisar o povo achareis uma *Universidade* de recente fundação uma *Academia Medico-chirurgica*, um *Instituto central pedagogico*, uma *Escola Superior*, uma *Academia Ecclesiastica*, um *Collegio Militar*, uma *Academia de Guardas Marinhas*, uma *Escola d' Artilheria*, uma *Sociedade de communicações internas*, uma *Academia de Bellas Artes*, uma *Escola de Minas*, uma *Aula de Commercio*, um *Instituto Technologico*, uma *Escola Veterinaria*, outro de *Marinha Mercante*, outra de *Agricultura*, sem fallar em um numero prodigioso de escolas publicas, e particulares de instrucção primaria, muitas das quaes se achão debaixo da especial protecção do governo.

R. S.

NAUFRAGIOS.

PORTUGAL.

135 Tendo sido unicamente annunciado em um dos nossos artigos meteorologicos o naufragio de uma embarcação, na noite de 14 para 15 de Janeiro passado, em um ponto da costa comprehendido entre as povoações de *Fontanellas*, e *de Azenhas do mar*, do termo de *Collares*, pareceu nos conveniente fazer mais algumas indagações sobre aquelle funesto acontecimento, cujo resultado, transmittido por pessoa fidédigna, residente na villa da *Ericeira*, vamos transcrever.

Tinhão já decorrido dois dias depois do naufragio quando delle houve conhecimento nesta villa; e como o logar aonde aconteceo pertence a este districto, partio d'aqui uma delegação da Alfandega para verificar o facto. Quando lá chegou, já se achava o navio partido em tres pedaços espalhados em mais ou menos distancia da praia: um sugeito que é piloto, e reside em Cintra, disse, que pela construcção do casco lhe parecia ser uma Escuna hespanhola, o que se confirma pela qualidade do massame, no qual se usão alguns cabos de esparto, de que elles fazem muito uso; tambem se encontrou uma bandeira hespanhola. Quanto á tripulação julga-se que toda pereceo, pois que nem a bordo do navio, nem em terra, se vio pessoa alguma, e só se encontrou vivo um gato preto: a respeito da carga nada havia que a indicasse, pois só se encontraram achas de lenha dispersas pela praia: não se viram pa-

peis alguns por onde se conhecesse a derrota do navio, ou a que nação pertencia, e quando alli chegaram os empregados da Alfandega da Ericeira já lá encontraram dois cabos de policia, enviados pelo Administrador do concelho de Cintra, os quaes asseveraram que não viram mais do que fica referido. Os habitantes daquelles sitios, que desgraçadamente consideram estes desastres como uma fortuna, parecião tranquillos, mas não obstante atiraram com pedras aos empregados, apezar de que o navio já não apresentava mais do que tres fragmentos, os quaes se iam desfazendo, e erão levados pela resaca. Da villa de Cintra tambem se nos participou que nos bahus que forão saquiados, se encontraram roupas de uso feminino, e de crianças, o que inculca terem existido passageiros; acrescentando-se que foram vistos em varios individuos sedas, que parecião ter pertencido ao navio naufragado; os mastros foram vendidos em hasta publica por vinte mil réis.

Consta igualmente pelas noticias da Ericeira, que naquella mesma noite naufragaram mais dois navios de maior lote na costa de Peniche debaixo, e de cima, sendo a carga de um, azeite, e café, e a do outro tabaco; ignora-se de que nação erão, mas sabe-se que se não salvou pessoa alguma das suas tripulações. Se podermos alcançar noticias mais circumstanciadas a semelhante respeito, as trasmitiremos á redacção da Revista, pois nos parece que não foram annunciados aquelles naufragios nos jornaes politicos d'esta capital.

M. M. F.

ASSOCIAÇÃO DOS ADVOGADOS DE LISBOA.

Consulta.

1.º *Quesito.*

136 E' permittido pela nossa legislação ás Mizericordias, Hospitaes, e a quaesquer outras corporações de mão-morta, o poderem vender medicamentos preparados, e compostos, ao publico?

2.º *Quesito.*

Ainda é lei vigente o disposto no §. 1.º do alv. de 5 de novembro de 1808?

3.º *Quesito.*

O regimento dos preços dos medicamentos mandado observar pelo D. de 30 de Dezembro de 1833 póde considerar-se ainda em vigor, apesar de não haver outro posterior?

Resposta ao 1.º Quesito.

Uesa vez que á venda d'esses medicamentos presida pharmaceutico responsavel, e habilitado na conformidade das leis: por quanto pela nossa legislação pharmaceutica, desde o regimento do Fisico Mór, de 21 de Fevereiro de 1321, até hoje, só os boticarios approvados pódem fazer, e vender, medicamentos; e não obstante sempre os venderam as corporações de mão-morta, cujos estabelecimentos estavão sejeitos á todas as obrigações legislativas, e expressamente ás visitas, pelo plano provisional da extincta Junta do Proto-Medicato de 15 de Julho de 1800, e Alv. de 22 de Janeiro de 1810 §. 9, ainda não revogado. Ninguem é obrigado a deixar de fazer senão o que a lei prohibe (Const. Polit. da Mon. Art. 9) e sendo o fim da lei achar idoneidade, e responsabilidade, no administrador da botica, sem lhe importar o proprietario, ella fica satisfeita quando o garante responsavel do estabelecimento comprova aquellas qualidades, embora seja corporação de mão-morta.

2.º *Qoesito.*

O Alv. de 5 de Novembro de 1808 levando ao Brazil as disposições do D. de tres de Março de 1795, o copiou fielmente, *mutatis mutandis*, por cuja razão, e porque ao mesmo se refere ainda o D. de 30 de Dezembro de 1832, se não pode duvidar de que elle tem vigor entre nós.

3.º *Quesito.*

Como a Port. de 11 de Outubro de 1836 manda vigorar a legislação existente relativa ás boticas e medicamentos, e o Alv. de 3 de Março de 1795 §. 3. quer que — cada um dos boticarios tenha um exemplar do regimento dos preços dos medicamentos — que pelo §. 6 são obrigados a mostrar a todos, que os queirão vêr; e na visita se indaga se elles effectivamente o têem (§. 6 do Alv. de 22 de Janeiro de 1810) é consequencia necessaria que para satisfazer ao preceito das leis se deve guardar o regimento que o D. de 30 de Dezembro de 1838 approvou em quanto outro não existe. *A. J. F. C.*

Causa civel entre o Marquez de Campo Maior, e o Conde da Ega, sobre a doação feita áquelle do palacio denominado — Pateo do Saldanha. —

Ao Marquez de Campo Maior, e seus successores, fez o Snr. D. João 6.° doação do palacio do Pateo do Saldanha, e das avultadas bemfeitorias n'elle feitas pela fazenda, e isto por D. de 3 de Agosto de 1820 — Os fundamentos da Doação forão, 1.° haver cahido no fisco, o palacio dado; 2.° que uma vez demonstrado que elle pertencia a vinculo, e não ao fisco, então se indemnizaria o administrador subrogando-lhe quantia igual ao valor do palacio.

O curador da administração da casa do conde da Ega oppoz embargos de ob e subrepção ao D. da doação, os quaes embargos fundou, 1.° na Ord. Liv. 2 Tit. 43: 2.° em que o palacio foi confiscado em cumprimento de sentença que julgou o Conde réo de lesa Magestade: e 3.° em que aquella sentença foi revogada pela outra posterior de 1823, que julgou innocente o mesmo Conde, e o restituio a seus direitos civis, honras, e dignidades. — Os embargos foram julgados por sentença de primeira instancia, confirmada na segunda, na relação de Lisboa, e no Supremo Tribunal de Justiça; e por isso o palacio restituido a seus legitimos Senhores.

A. J. F. C.

O ALFAGEME DE SANTAREM

ou

A Espada do Candestavel.

137 Já vimos, como, desmentindo todos os sinistros agoiros, o drama do Snr. Garrett foi esplendidamente inaugurado no Theatro Portuguez. Essas boas fadas lhe haviamos nós prognosticado; e nem por isso requeremos honras de propheta. Naquelle escripto, que já impresso tinhamos lido, superabundantemente se contém, quanto póde concorrer para a satisfação de quaesquer ouvintes, por de pessimo contento que os supponhamos; verdade, clareza, caracteres, enredo, variedade, moral, poesia, estillo, e linguagem.

E' obra, que tanto mais irá sendo gostada, quanto mais for sendo entendida; e tanto mais entendida irá sendo, quanto mais for escutada; e escutada tem ella de o ser, até que todos a saibam tão de cór, como os actores; porque é uma péça inteiramente da nossa terra, inteiramente para nós, e para o nosso tempo. ! Esta nova rama de loiro, que o nosso tão popular, e tão justamente presado, litterato acaba de entretecer na sua opulenta corôa, e que lhe não custou mais, do que alguns poucos dias de ocio e retiro no campo em setembro do anno passado, como a poderia elle com todo o seu talento haver colhido, se nascendo nos abençoados tempos de pacifica ignorancia de nossos paes, não tivesse presenciado, o que nem as lições da historia, nem as operações do entendimento, nem o instincto do genio, ou da poesia, poderão nunca fazer entender com clareza, a quem o não viu! os movimentos intestinos da sociedade, os vicios e as virtudes das differentes parcialidades, os modos, as circumstancias e os effeitos do mutuo fuzilar das ambições de esphera para esphera dentro no immenso e variadissimo sistema dos destinos humanos. As edades, que nada disto viram, que acharam, e deixaram o mundo em calmaria, não podião nem produzir, nem avaliar devidamente este genero de obras: a nós a desgraça nos fez mestres, e como taes, podemos á justa apreciar (oxalá que já outro tanto não digão nossos netos) o que é, e o que val, a *Espada do Condestavel*, e reconhecer, que só quem reunisse como o Snr. Garrette a uma grande penetração, e a uma dose, não commum, de philosophia social a triste vantagem de ter atravessado tantas revoluções, a poderia com igual primor desempenhar. Mas não está ainda aqui tudo, se vendo-o pintar tanto pelo natural os pensamentos, as palavras, e os feitos das diversas classes manifestamente se reconhece, que o auctor tem vivido, e lidado com ellas alevantadas; e entre ellas e com ellas padecido, e soffrido; por outra parte imparcialidade, com que as trata, a plena justiça, que faz a todos, e a tudo, parecem inexplicaveis: dir-se-hia que a alma do escriptor, em quanto os seus sentidos estavam recebendo de perto as mil impressões das realidades presentes, lá de cima, de uma altura inaccessivel ás paixões e interesses, de uma esphera desanuviada e luminosa, contemplava impassivel o redemoinhar do mundo, como os deuses de Epicuro, a quem nenhum movimento do universo podia alterar a quietação. Tomado por este lado, como é forçoso, que tambem o tomemos, o drama, de que hoje tratamos, é de um merecimento, que nenhum auctor poderia exceder, e muito poucos, ainda com a melhor vontade, chegariam a egualar.

Das tres joias, com que o Snr. Garrett tem opulentado a nossa musa scenica, é esta, em

nosso entender, a mais notavel. *O Catão* com toda a grandiosidade do seu romanismo, com todo o explendor da sua linguagem, e com tantos versos invejaveis, até para mestres, é uma obra classica, toda concebida da leitura dos antigos, toda vasada na fórma aristotélica e horaciana; a maior parte do seu mérito preexistiu á sua feitura: pertence mais ao genero, do que ao auctor. *Um Auto de Gil Vicente* foi já obra de costa muito mais acima: o ter ousado concebel-a, denunciava um poeta; e o executal-a por tal arte, abonou um poeta grandissimo: tal genero de drama não tinha ainda antecedente na nossa litteratura; mas como obra scenica, para o povo, que não é letrado, nem poeta, nem o póde ser, *Um Auto de Gil Vicente* devia parecer falto de interesse: fóra nelle o principal empenho representar a côrte memoravel, e o feliz reinado do Snr. D. Manuel; este é o quadro principal; a acção, postoque recommendavel pelos nomes e qualidades dos personagens, não occupa senão um logar inferior, e por mais engenho que o auctor despendesse com ella, não era possivel que tal desfêcho satisfisesse: é pois, repetimo-lo, mais uma tentativa litteraria de um genero especial, e por ventura novo, um delicioso painel historico representando uma grande épocha, do que não uma peça theatral, segundo as idéas acceitas; ¿ e todavia que riquezas não semeou por toda ella ás mãos cheias o poeta? ¿ que recursos podia haver na historia, na phantasia, no coração, ou na linguagem que o auctor não empregasse com admiravel felicidade? O grande rei e os seus grandes homens; a gloria e o poderio portuguez; o mar e as diffusas armadas; o oriente assoberbado de trophéus; por outra parte, os saráos, as festas, e os autos, dirigidos por aquelle nunca assás estimado Gil Vicente, (o rei dos liricos da nossa terra, se em outra edade houvéra nascido) enfeitiçados pela presença da formosa infante namorada, poetisados pelos amores, tão amores, e tão saudades, de Bernardim Ribeiro, perfumados e floridos pela circumvisinhança de Cintra. *Um Auto de Gil Vicente* será em todo o tempo delicias para quantos forem dignos de o ler; mas ahi, no gabinete, é que elle tem o seu logar, e não no tablado.

A *Espada do Condestavel*, sim é, verdadeiro drama; e como tal sobreleva logo ao *Auto de Gil Vicente*; assim como, por marcado com todo o apuro do gosto moderno, deixa o *Catão* muitos passos após si.

Dizer a que litteraria familia pertence, difficil empenho seria, se o tentassemos: a gente horaciana poderia recusal-o apesar da sua rigorosa unidade de logar, por falta da unidade de tempo, como elles a entendem; e talvez tambem por não verem ahi rigorosamente obedecido o *simplex et unum*. O povo muito mais numeroso dos hypermodernistas taxal'a-hia de pouco enredo, poucos espantos, poucos terrores, carencia absoluta de carceres, venenos, e cadafalsos, adulterios, cemiterios, incestos, e mais gentilezas havidas hoje pela principal mola dramatica, posto seja de todas a mais pobre. Os partidarios de *Dumas* não adoptarão um drama, onde o amor não é um phrenesí todo physico; onde as paixões não são todas sensuaes. Os amoucos de *Victor Hugo* reprovarão caracteres, que agradam por sua verdade, mas não espantam por contrastes repugnantes em cada individuo; chamarão desalinhado a um estilo, que se contenta de ser natural, e não refulge pespontado todo de lentejoulas e palhetas lircas; finalmente se offenderão de que em vez de scenario de sumptuosa architectura, e de opulentas alfaias, que muitas vezes disfarçam, e muitas mais, aggravam com seu brilho as humildades da dicção, e as vilezas dos affectos, aqui se não divise, desde o principio até ao fim, mais do que uma pobre officina de ferreiro, e uma casa de nobres, meio arruinada. O pequeno numero dos eleitos de *de Vigny* estranhará, que a corda elegiaca não resoasse mais até encobrir com a maviosa lugubridade das suas toadas o concerto de todos os outros tons. Não: a *Espada do Cadestavel* não se ha de classificar em nenhum dos generos *a la moda*: é o drama mixto e moderado, nacional e verdadeiro, litterario, morál; e, pelo maior numero de pontos possivel, conchegado com a nossa índole portugueza, com as nossas recordações e gostos, com o nosso geito peculiar, privado, e publico, com os nossos costumes, assim da casa como da cidade; é o drama, como o havemos de mister, resgatado da escandalosa e absurda servidão estrangeira; é um balsão de rico-homem arvorado em defensa da nossa já tardia independencia litteraria, em volta do qual esperemos em Deus, que alguns pelejadores acudirão a reunir-se: quando dizémos, que em Deus se espere tal milagre, exprimimos antes um desejo entranhado e immutavel, do que uma esperança forte assentada em bons fundamentos: porque por muito boa vontade, que supponhamos em alguns engenhos portuguezes para proseguir no theatro este caminho, por onde o Snr. Garrett, ha já annos, nos está com grande dianteira, acenando e convidando;

por muitos e muito bons proselitos, que elle haja feito, já com os seus romances de Camoes, D. Branca e Adosinda; já com os seus dramas do *Auto de Gil Vicente*, e da *Espada do Condestavel*; os montes de estorvos, que diante do theatro se levantam, e multiplicam, são bastantes para quebrantar as vontades mais energicas, as tenções mais apostadas. Não ha ainda muito, que as portas da scena se fechavam inexoravelmente, a quanto não fosse francez, ou antes a quanto fosse portuguez: que aphorismaticamente se dizia, repetia, e teimava, na conversação e na imprensa, que para fóra de França, e especialmente em Portugal não havia salvação dramatica. Este erro acintosamente propagado, e estupidamente recebido, ía passando em julgado, até que a indignação de alguns poucos bons appellou da sentença, e fez recomeçar o processo: conseguio-se, a poder de perseverança e obstinação, de contrariedades e desgostos, e quasi á força de armas, fazer entrar talentos portuguezes em tablado portuguez; e viu-se, pelo agigantado de seus primeiros passos em campo tão escabroso e desfavorecido, o muito para que era tambem nisto, esta nossa sempre desconhecida, e sempre apesinhada gente. Uma das melhoros obras do Snr. Garrett — *o Conservatorio* — fez apparecer de improviso um cardume, não de obras todas primas, porém quazi todas ricas de esperanças. A's difficuldades do palco, dos bastidores, e dos camarins accresciam as da platéa corrompida no seu natural juizo e instincto pela força incontrastavel do habito de estrangeirices nojentas e repugnantes; e pelos elogios, que, sob alcunha de juizos, quotidianamente desbaratava com essas mesmas estrangeirices a imprensa periodica, nem sempre independente, e quasi nunca imparcial. De tudo isto resultava, que esses mesmos, chamados dramas originaes portuguezes, afim de poderem tomar pé e manter-se por algum tempo, eram obrigados a trajar á franceza, assim nos costumes, como no estilo, como na linguagem. A Racine o arguem os seus, e com razão, de haver nas tragedias afrancezado gregos e romanos; mau era, porque era desnaturalisar a historia; mas uma desculpa se lhe devia, e era, a de a naturalisar para a sua terra: os nossos fizeram peior, porque desnaturalisavam os heroes e sujeitos da nossa terra para os converter em afrancezados e franchinotes. Este abuso, se não estragou para sempre a muitos engenhos, muitos fructos delles, não ha duvida, que os ensoou, e perdeu. Desta arte a reacção nacional, que havia de mister forças de gigante, se fez, de dia a dia, mais impotente: a nossa provada originalidade tornou a caír; ressurgiu mais insolente a gallo-mania dramatica, e postoque alguns mancebos, ainda de tempo a tempo, fossem bater ás portas do espectaculo, para offerecer a obra de suas lucubrações, o genio da traducção porca, que já na casa tinha posse velha, constantemente lhe respondeu, que não: e vendo-os retirar-se envergonhados, lhes lançou triumfalmente olhos de lastima e desprezo.

Nesta completa abstinencia de nacionalidade e normalidade se achava o theatro nacional e normal, quando o Snr. Garrett, tomando sobre si os peccados de todos, querendo pagar e sacrificar-se por todos, conseguio (todos hoje sabem que foi façanha) fazer representar o seu ALFAGEME. ¡ Oxalá, repetimol'o, que este rebate de alarma abale animos generosos para encetar contra desportuguezes e anti-portuguezes segunda cruzada; e oxala que mais bem succedida do que a primeira.

Tempo ha de vir; nisso temos fé; a Deus praza que não seja tarde, mas receamol'o; ha de vir tempo, em que muitos bons espiritos, que hoje não ousam de abalançar-se á feitura de um drama pelo justo pavor, que lhes infunde a idéa de o ver passar por tantas mãos inimigas ou ineptas, antes de poder chegar regelado, rachitico e desfigurado, á presença do Publico, affoitamente os escreverão, podendo contar com emprezario, directores, e actores portuguezes, que se prezem de o ser, e com uma platéa sinceramente convertida e apaixonada das coisas patrias, mas, repetimol'o, essa edade de Astréa ainda a reputamos affastada; e eis-ahi porque mais julgamos de agradecer esta generosa, esta heroica abnegação do Snr. Garrett. Elle anteviu, sem duvida, toda a extenção e acerbidade do seu martyrio; e não esmoreceu: atravessou pacientemente com a sua cruz ás costas todas as ruas da amargura, que um auctor *in partibus infidelium* tem infallivelmente de regar de suor, antes que chegue ao seu calvario do tablado, *locus ignominiæ*, para ahi, sob o titulo de rei, ser crucificado entre não sei quem.

Uma analyse circumtanciada do ALFAGEME, na qual se houvessem de registar todos os seus meritos, tomaria um livro; não cabe nos espaços acanhados de um jornal; apontaremos todavia algumas coisas, deixando aos leitores o desenvolvel'as, e o atinar por si mesmos com as demais.

Os caracteres são em geral, quanto a nós

mui correctamente desenhados. Em cada um dos principaes ha, quanto baste, de ideal para o podermos haver por legitimamente dramatico, sem com tudo disparatar dos typos usuaes da natureza humana. *Fernão Vaz* é um heroe da popularidade, um liberal, um tribuno do seu tempo, mas não é um Graccho, um Virginio, ou um Bruto: a heroicidade não mascára nelle a humanidade; o grandioso de seus feitos prende em grande parte a interesses privados, que elle não dissimula, em motivos de amor e de ciume. *Nuno Alvares Pereira* é tambem um homem e não uma aventêsma moral. A moça *Alda* é uma namorada, mas que falla como gente, e nem no que diz, nem no modo como o diz, desbarata hyperboles pictorescas repugnadas do bom gosto; e no que faz, como no que deixa de fazer, observa sempre aquella justa mediania, sem a qual não ha verisimilhança, que é em rigor a verdade dramatica. *Mendo Paes* é um malvado, um covarde, um traidor, espia, e denunciante: em mãos de um romantico seria um excellente cabide para nelle se pendurarem e alardearem quantos horrores a imaginação podesse delirar; *Mendo Paes* aqui é um homem pessimo, porém natural e reconhecivel. *Froilão* tambem todos nós o conhecemos, todos nós algures o encontrámos, e o amámos, e o havemos de amar se de novo o tornarmos a ver. As raparigas, e o povo são aquillo: ellas trabalhando e cantando não pensam senão em cazar; elle trocando o trabalho pelos alvorotos, deixa-se contradictoriamente revolver para onde o impelle a primeira voz, que se levanta.

Unidade de acção: alguem tem reprehendido ao drama por falta della, mas havemos a reprehensão por pouco justa. A verdadeira acção aqui não é a amorosa, senão a politica: *Alda* com *D. Nuno Alvares*, e o *Alfageme* com *Alda* são apenas incidentes necessarios para o enlace das differentes partes em um todo, mas não são o fim, que desde o levantar do panno se annuncia, e se tem o direito de esperar. O espectaculo verdadeiro e dominante é a lucta das ambições na terrivel arena da successão a um throno; e essa lucta no meio dos episodios, que a rodèam, lá se vê constantemente sobrepujar como figura primaria do quadro. Tal é pelo menos o effeito que em nosso senso intimo produziu a primeira representação: e pois que viemos aqui, não ommitamos uma comparação para nós de muita honra. *Ruy Blas* é tambem um conflicto entre os interesses de differentes classes; mas em *Ruy Blas* não vemos, como na *Espada do Condestavel*, a poesia transformando-se em philosophia, e a mais severa imparcialidade apresentando lealmente o bem e o mal de cada classe, confrontando-as sem paixão umas com outras, e abstendo-se de sentencear ou de canonisar alguma dellas. De boa mente copiaremos palavras do proprio auctor no prologo da sua obra.

„Quiz-se pintar n'este quadro a face da sociedade em um dos grandes cataclysmos porque ella tem passado em Portugal. O pintor isolou-se de todo o sentimento e sympathia — paixões politicas não as tem — para ver e representar, como elles foram, são e hão de sempre ser, os dois grandes elementos sociaes, o popular e aristocratico. Tomou para primeira luz do quadro as principaes figuras da interessante anecdota da espada de Nun'alvares Pereira e da prophecia do alfageme de Santarem, tão sinceramente contada naquelle ingenuo stylo patriarchal da primeira „chronica do Condestabre„ d'onde passou depois para os historiadores e poetas que a repetiram.

„O fundo e accessorios do quadro teem o mesmo caracter de desenho e côres.

„Em Fernão Vaz, o alfageme, e na sua gente, Gil Serrão, Braz Fogaça etc. estão os populares com todos os sabidos defetos, e com todas as inquestionaveis virtudes da classe. Nun'alvares Pereira é o bello ideal da nobreza, Mendo Paes o do seu abastardeamento. No ultimo está a prosa torpe das revoluções, nos outros a poesia d'ellas.

„Froilão Dias é o homem sincero do passado, o ministro da paz e da verdade, porque é verdadeiro ministro de Deus. Risonha com os pequenos, austera com os grandes, a sua voz clama sempre no deserto; — que não ha deserto mais surdo nem mais cego tambem, do que a tumultuaria praça da revolta.„

Duas feições caracteristicas desta peça, que não podem passar sem muito louvor, são a familiaridade e conchego de muitas de suas scenas, abundante mina, que os dramaturgos de nosso tempo demasiadamente se esquecem de explorar; e o acertado emprego da musica. Sabemos que nesta parte nem todos são do nosso parecer; mas nem por isso escureceremos a verdade. O trazer o canto para o theatro de declamação, ou é um grande acerto, ou um grande disparate: grande disparate, quando, como no *Dominó*, e em outras muitas peças francezas não vem o canto accessoriamente, e como canto, mas como acção, ou parte do seu andamento: 1.° porque então a declamação, que precede, e segue, lhe está desmentindo

toda a verisimilhança; o que na opera não acontece, porque lá, como desde o principio até ao fim nada se ouve, que não seja musica, o espectador aceita a ficção de ser aquella a linguagem de taas personagens: 2.° porque a parte da acção, que só foi expressa pelo canto, ficará perdida todas as vezes que as palavras deste se não perceberem, o que assim é por via de regra: resultando a final que de taes dramas hybridos não ha, quem depois de os ter seguido com toda a attenção possa relatar precisamente todos os incidentes; do que seja prova o mesmo *Dominó*. É porem grande acerto quando, como no ALFAGEME, o canto vem trazido como tal, e com tanta industria solto que em o dimittir da acção a não mutilem. Mas aqui, para o apreço que d'elle fazemos, accresce a conformidade em que se elle acha com os nossos principios, já expendidos em o artigo 134 do 1.° Volume sobre os progressos da musica italiana. O Sr. Pinto ousou pôr de parte o seu riquissimo cabedal musico estrangeiro; não quiz rivalisar Belline ou Meyerbeer; contentou-se de escrever conforme ás palavras do poeta, que eram populares, humildes, singelas e graciosas, em summa, chácara e romance: ouvindo os seus córos, a sua canção do alfageme, a sua rainha Ginebra, e a sua bella infante, não é impossivel que nos lembrem Bellini ou Donizetti; mas tambem não é possivel, que deixem de nos acudir á memoria, entre milhões de saudades, as nossas avós, a nossa infancia, os nossos serões, as nossas romarias e as nossas aldêas; e tudo isto val, pelo menos tanto, como as coisas, que mais valem. Não somos nós musicos, mas nesta terra nos criámos, e mais temos vivido nella do que em S. Carlos; como taes podemos affiançar ao Sr. Pinto, não palmas e lauréis, que a nós nos não compete adjudicar, porem corôas mais formosas, e muito mais para appetecer, se elle continuar a provar a mão neste genero, em que tão agradavelmente se estreou. Pena é que a falta de vozes dignas de o interpretar mallograsse algumas partes da sua linda obra; grande pena que a chácara das duas moças no 5.° acto, bello ornamento de uma das mais bellas scenas, a cortassem nas ultimas representações; e pena grandissima, e grandissima vergonha, que sendo notorio haver ahi melhores vozes, que bem a puderam cantar, por não sei que enredos ou mesquinhezes, se não quizessem valer dellas. ¡ Ruas da amargura, corôas de espinhos tambem para o musico: para todos ha disso onde ha theatro!

Tanto bem, como do escripto dissemos, quizeramos dizel-o da representação; mas nesta, afora o vestuario, estudado com a mais escrupulosa erudição, quasi nada achámos, que não fosse ou mediocre, ou d'ahi para baixo: mediocre na primeira noite; e d'ahi para baixo com progresso sempre crescente, em quantas se lhe têem seguido. ¡ Drama, que tão completamente desentendido por quasi todos, os que o recitam, ainda assim grangêa tão continuados applausos dos espectadores, grande realidade de merecimento deve possuir! Os seus fados julgamos poder desde já prophetisal-os com segurança: — no theatro morrerá, — *mataram-te, alfageme, pois mataram um homem!* na litteratura portugueza occupará sempre um logar distincto; será sempre lido com satisfação; e quando a Deus prover, que tenhamos um theatro, uma eschola de declamação, uma companhia; e em tudo isso, e em nossas almas, nacionalidade; então ressurgirá na scena para nunca mais saír della.

X.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

138 O Alfageme de Santarem, Drama em 5 actos por A. Garrett, 1 Vol. em 4.° papel superfino — 480 rs. — vende-se na Livraria de Plantier rua do Ouro n.° 62 e 63.

DRAMATURGO PORTUGUEZ.

Sahiu á luz o 3.° n.° contendo o Intrigante drama original do Sr. José Maria da Silva Leal. Vende-se nas lojas da Viuva Henriques, e nas mais do costume.

FRANCEZA.

139 Tratado de geometria descriptiva, por C. F. A. Loroy, 2.ª edição, 2 vol. com 56 folhas, e 69 estampas, preço 20 fr.

Resumo de geometria pratica, por L. C. e F. P. B. 1 vol. de 7 folhas e meia, e 60 estampas.

Resumo de geographia em perguntas e respostas, por J. D. Baud, 1 vol. de 3 folhas.

Elementos de geographia historica de França e suas colonias, por M. P. Delpierre, 4.ª edição, broch. de 5 folhas.

Sobre a prostituição, e as molestias siphyliticas nas cidades grandes, suas causas, influencia na saude, habitos e commodo da população, e maneira de remediar este flagello, por A. Potton, 1 vol. de 20 folhas, preço 6 fr.

Congresso scientifico de França, 9.ª Sessão em Setembro de 1841, na cidade de Lyão, relatorio dos trabalhos da 3.ª secção (Sciencias medicas), por Paulo Brun, 1 vol. de 5 folhas.

Arithmographia musica, methodo de musica simplificada pelo emprego dos algarismos, por Miquel Junior, 1 vol. broch. de 3 folhas, e 26 paginas de musica.

Mythologia explicada, por J. George, 1 vol. de 6 folhas.

TYP. DA GAZETA DOS TRIBUNAES.
Rua dos Fanqueiros n.° 82.